



ESCRITA, PLÁGIO E AUTORIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE PROFESSORES E ALUNOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFTM

WRITTEN, PLAGIARISM AND AUTHORSHIP: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES' TEACHERS AND STUDENTS OF THE UFTM GRADUATION COURSES

Ana Luiza Santos da Costa

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é desenvolver uma análise sobre os tipos de plágios praticados por alunos nos cursos de graduação. Especificamente, interessa analisar como esse aluno mobiliza os textos de outrem na construção de seu texto e, ainda, averiguar as marcas de autoria deixadas, pensando então como se constitui como um autor. Para que análise seja efetiva, consideramos os seguintes pontos: a) a forma como o aluno se apropria do texto do outro; b) os conhecimentos que tem sobre os aspectos legais e éticos do plágio; c) os conhecimentos que apresenta sobre os modos de incluir o discurso do outro em seu discurso; d) a compreensão que apresenta dos livros e manuais de orientação sobre metodologia científica. e) o posicionamento e reflexões dos professores sobre o movimento de cópia. Tivemos como base teórica estudos bakhtinianos sobre a linguagem e interação dialógica entre sujeitos (Bakhtin 1929). Um dos principais resultados é que o plágio vem agregando mais espaço na universidade e os graduandos utilizam ferramentas de fácil acesso para tornar seu o texto do outro, sem marcar a relação entre palavra própria e alheia. Ressaltamos a ideia de que o docente deve orientar seus alunos quanto a essa prática para que essa atitude ganhe mais notoriedade e consciência durante a graduação.

Palavras-chave: Plágio; Autoria; Pesquisa; Ensino; Escrita.

Abstract: The general purpose of this work is to develop an analysis about the types of plagiarism, acts performed by students in undergraduate. Specifically, it was interesting to analyze how this student mobilizes the texts of others in the construction of his text and also, to explore the marks of authorship left, seeking to understand how this subject is constituted as an author. For analysis to be effective, we consider the following points: a) the mode the student appropriates the text of the other; b) knowledge about the legal and ethical aspects of plagiarism; c) the knowledge that the plagiarist presents about ways of including the discourse of the other in his discourse; d) the understanding that it presents of the books and manuals of orientation on scientific methodology; e) the opinion and reflections of teachers on the copy movement. We have as theoretical basis Bakhtinians studies on language and dialogic interaction between subjects (Bakhtin,1929). One of the main results is that plagiarism has gained more space in the university and undergraduates use easily accessible methods to make their text from the other, without worrying the relationship between the word itself and others. We emphasize the idea that the teacher should guide his students about this practice so that this attitude gains more notoriety and awareness during graduation.

Keywords: Plagiarism; Authorship; Search; Education; Written

1. INTRODUÇÃO

O ato de copiar ou de se apropriar indevidamente do texto do outro não é novo. Scheneider (1990,p.49) afirma que “a representação moral do plágio é histórica e



socialmente condicionada. O plágio tem uma história complexa e contraditória”. Existe, desde o início da Literatura, mas só recebeu a devida atenção quando a “usurpação literária” começou a gerar prejuízos econômicos aos autores. Os plagiários publicavam livros utilizando-se do conteúdo intelectual de outros autores, tornando o plágio uma atividade econômica propriamente dita (GOMES, 1985).

É a partir desse contexto que Foucault (1992) pôs em discussão a concepção de autoria com a pergunta “O que é um autor?”. Entretanto, ao longo do século XX e início de século XXI, as noções de plágio e de autoria sofreram sérias mudanças no que concerne a sua concepção. Com a chegada definitiva da era da informática, a pergunta de Foucault poderia ser repetida com vários acréscimos, tais como: como se define e preserva a condição de autor no contexto de uma sociedade em que as redes tecnológicas transformam a linguagem no único elo constitutivo da relação entre o homem e o mundo? Como definir o plágio frente aos conceitos de paráfrase, intertextualidade e discurso indireto?

Essas perguntas surgem porque existe uma grande degradação quanto aos processos e aos procedimentos de plágios na contemporaneidade, notadamente nos trabalhos universitários. “A modéstia dos grandes letrados de ontem contrasta com o amoralismo que atualmente caracteriza o uso das citações ou das referências nas ciências humanas” (SCHENEIDER, 1990, p. 61). De acordo com Scheneider (1990), os plagiadores dos séculos XIX e XX, principalmente, plagiavam não pela ausência de leitura e de saber, mas porque era inevitável a transformação e a recriação da estocagem de conhecimento que a leitura produzia. Ou seja, quando se discute a questão do plágio em Freud, por exemplo, surge uma situação em que o plágio (se ocorreu!) se deu pelo resultado de uma criação que se fez sempre plural e coletiva. O mesmo não ocorre quando se pensa o plágio na universidade contemporânea.

No meio acadêmico, o plágio está se tornando um problema porque as informações, os textos, as obras teóricas ficaram volumosas, acessíveis e frágeis em termos de proteção quando se pensa o movimento “recorta e cola”. Esse fácil acesso funciona como uma espécie de convite para que aquele que precisa escrever, premido pelo peso da página em branco, mergulha nos labirintos hipertextuais para forjar como seu apenas um excerto, um parágrafo ou mesmo todo um texto, mediante cópia não autorizada.



Assim, juntamente com o discurso dos professores entrevistados, foi realizada uma análise de como o plágio aparece no texto do graduando, quais as estratégias de reconhecimento e, ainda, quais medidas são tomadas mediante um texto que possui inúmeros pequenos fragmentos de outras vozes ou até mesmo vozes na sua completude sem realizar as devidas referências.

Diante disso, neste trabalho, a hipótese que orientou a coleta de dados e análise é a de que o plágio, nos trabalhos acadêmicos, envolve uma série de elementos, tais como: desconhecimento dos processos de construção de conhecimento; a representação do papel da escrita na contemporaneidade; a concepção de que as barreiras entre o público e o privado se romperam com o advento da internet e, principalmente, devido à concepção de que escrever, construir as próprias palavras é uma atividade muito difícil.

2. PLÁGIO, AUTORIA E O ENSINO DA ESCRITA

2.1. O plágio e a produção de conhecimento na universidade

De acordo com Schneider (1990), plágio é uma prática que advém de muitos anos na história da literatura; de um tempo em que não havia definição clara sobre o que era “plágio”. Assim, esse autor afirma que: “no sentido moral, o plágio designa um comportamento refletido que visa o emprego dos esforços alheios e a apropriação fraudulenta dos resultados intelectuais de seu trabalho” (p.47). Entretanto, neste trabalho, o plágio não será considerado pela perspectiva legal, como fraude ou ligado a aspectos meramente antiéticos, nem como a reprodução de conjunto ou parte de uma obra. Será considerado como o resultado dos percalços que a prática de apropriação de palavras do Outro pode causar no decorrer da aprendizagem da escrita.

Diante de inúmeras tecnologias e informações, refletir sobre o lugar do plágio nas produções textuais universitárias é importante porque os recursos de cópia (não só pensada em trabalhos totalmente plagiados, mas também copiados em fragmentos) estão claramente expostos. O movimento de “copia e cola” está cada vez mais recorrente no âmbito acadêmico. Assim, o sujeito que se vê diante da exigência de produzir uma escrita própria, acreditando que poderá se apropriar das palavras de outros sujeitos para construir o seu discurso, se aventura em idéias já ditas anteriormente, copiando excertos,



parágrafos ou até mesmo a reprodução completa de um texto que não lhe pertence; todas estas produções simplesmente “disponíveis” para busca on-line.

Diante disso, o plágio interdita a produção de conhecimento, uma vez que diante de diversas informações disponíveis na internet, o ato de fazer-se dono de palavras próprias fica cada vez mais distante, pois, como afirmam Bernheim e Chauí (2008,p.13), “não há tempo [...] para a reflexão, a crítica e a análise do conhecimento instituído e as possibilidades para transformá-lo e superá-lo.” Assim, este processo que demarca a produção de conhecimento do aluno está atropelado pelas simples práticas de cópia a que estão expostos, não levando-o a refletir sobre sua prática de escrita e de pesquisa nesse espaço contemporâneo de informações abundantes e rápidas.

Desta maneira, pode se afirmar que, aos buscarem caminhos mais fáceis (porém tortuosos) para apropriarem de um texto alheio, acreditando que os professores não perceberão a aparente diferença de escrita presentes no seu texto, os alunos abrem mão de um trabalho que poderá levá-lo à produção de textos que contenham, no mínimo, indícios de sua autoria. O plágio está ligado a um sintoma maior que hoje perpassa as práticas de produção de conhecimento, que é a dificuldade de produzir uma palavra própria, resultante de uma relação singular do sujeito com o objeto de conhecimento.

É importante também refletir sobre o papel da universidade no ensino da produção textual e das formas como os alunos se relacionam com a herança cultural que lhe foi dada na forma de conhecimento. O comprometimento com as atividades ministradas no meio acadêmico, como defende Krokosz (2010,p.64), “Também faz parte do processo educativo universitário fomentar o cultivo da ética institucional promovendo no ambiente de estudos uma cultura fundamentada na integridade acadêmica.” Assim, o acadêmico não está colocando em risco somente a sua formação, como também a seriedade da instituição, tudo pelo momento de desconhecimento ou até mesmo má fé pelo “roubo” de ideias alheias.

O plágio pensado como um problema ético, remete-nos a um questionamento pertinente, que é: será que essa prática está ligada somente à falta de comprometimento ou se liga ainda ao fato do não saber escrever? A hipótese assumida é a de que, muitas vezes, a prática do plágio está entrelaçada a dificuldade de transformar as palavras alheias em palavras próprias. Relacionado a um sintoma maior que hoje perpassa as práticas de produção de conhecimento, que é a dificuldade de se produzir uma palavra



própria, resultante de uma relação singular do sujeito com o objeto de conhecimento.

2.2. A difícil arte de por assinatura nas produções

Para conceituar autoria, assumimos, a partir das discussões desenvolvidas por Possenti (2009,p.106), que o sujeito é capaz de deixar pistas ou indícios de autoria ao longo de sua produção textual. Para esse autor, “é impossível pensar na noção de autor sem considerar de alguma forma a noção de singularidade(...) Penso que um texto só pode ser avaliado em termos discursivos.”

Constituir-se como sujeito das próprias palavras não se trata de uma tarefa fácil em meio a incontáveis informações lançadas a cada momento pelos meios de comunicação. Deixar marcas próprias, ou o que o autor chama de personalidade e/ou singularidade, no texto está se tornando cada vez mais complicado, já que os graduandos chegam à universidade com concepções errôneas de escrita. Muitas vezes é ensinado na escola que um resumo é simplesmente a junção de partes “importantes” do texto base, pensamento este que não autoriza o aluno a assumir a posição de entendedor do texto.

Assim, esse “não saber articular” as palavras acarreta o plágio, a apropriação de algo que coloca o sujeito da escrita na posição de (re)produtor e não como produtor da linguagem. Estamos diante de um problema que deriva de vários anos de ensino mal construído com base na escrita, porém o não saber ser portador de suas idéias, não dá ao aluno direito de tomar para si pensamentos de Outros, sem realizar suas referências. Ser autor do próprio texto requer saber dialogar com outras vozes e só a partir de então se constituir como sujeito enunciador.

Neste trabalho, tomaremos também como base as marcas de autoria que os graduandos deixam ao longo de suas produções textuais, marcas lingüísticas como verbos por exemplo, e posicionamentos discursivos que mostram seus pensamentos e, principalmente, seus posicionamentos diante de um assunto ou tema da produção analisada. Em diversos casos o graduando não possui conhecimento sobre certo assunto e simplesmente ecoa entre outras ideias um dia já mencionadas, acaba por se entender como sujeito que sempre esteve permanentemente colado às opiniões que não fazem parte do seu discurso, permitindo que sua produção escrita, faça parte da produção universitária.

Faz-se necessário ainda estabelecer um parâmetro entre o ato da criação e o ato



de se prender a noções que já foram ditas ou mencionadas anteriormente, pois com inúmeras fontes de informações, torna-se difícil a distinção entre algo realmente inédito e ideias que já fizeram parte de outros discursos.

3. LINGUAGEM, ESCRITA E SUJEITO

Como esta é uma pesquisa que visa discutir formas de trabalho do sujeito com a linguagem, as teorias bakhtinianas serão mobilizadas porque a categoria básica de concepção de linguagem em Bakhtin (1929) é a interação verbal. Toda enunciação é um diálogo; faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado; todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que sucederão: é um elo de uma corrente e, por isso, só pode ser compreendido no interior dessa cadeia. Para esse autor, o dito só pode ser compreendido no interior do já dito, considerando o fluxo histórico das comunicações e, sobretudo, como réplica a outros dizeres, muitas vezes, não enunciados, mas já previstos no próprio ato de enunciação.

Nesse contexto, cercado por essa multiplicidade de vozes, o sujeito vai se constituindo, assimilando as vozes do outro e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a própria linguagem também é constituída nessa corrente dialógica, a produção textual-discursiva de cada sujeito não se forma somente a partir de uma voz, mas sempre a partir de muitas vozes, muitos dizeres. A partir dessa visão teórica, os discursos de professores e alunos não serão tratados como atos meramente isolados, mas como produções de linguagem constituídas na relação com outras produções. O efeito desta escolha teórico-metodológica contribuirá em relação à definição daquilo que tem emergido e que se considera ideal para a formação do professor, especificamente, para o ensino da escrita da pesquisa na universidade.

Assim, a produção de um texto-discurso não pode ser exclusivamente de quem o teceu, assim como quem escreve um texto não será nunca seu autor soberano: o discurso nunca é constituído de uma única voz. Desta forma, não buscaremos neste trabalho a defesa do pleno domínio daquele que escreve sobre o seu texto, mas na preservação da sua intelectualidade e sob as marcas de singularidade. Interessa pensar o autor como um sujeito cotidiano que mobiliza a linguagem para produzir um texto em um contexto específico – a universidade. Não se trata, portanto, de pensar o texto como algo



puramente original, mas como resultado um encontro dialógico organizado por um sujeito que também se constitui por meio de uma relação dialógica com o outro.

Assim, a hipótese é a de que, mesmo em textos de escolares, acadêmicos e outros, para os quais não há necessariamente um autor nas acepções clássicas do termo, exige a existência de um sujeito que trabalha para configurar um texto ou um conjunto de textos; este trabalho configura-se como singularidade – sob a ótica do leitor. Nesse sentido, o pressuposto assumido é o de que o sentido de um texto se constrói na interação entre texto-sujeito (ou texto e co-enunciadores) e não algo que preexista a interação e que, portanto, pode ser produzido a partir de uma concepção abstrata de trabalho com a língua.

Com base nessa concepção teórica, as práticas de escrita dos alunos, assim como seus discursos e o dos professores, foram analisadas como o produto de um trabalho que não se faz somente pela observação de regras determinadas, nem pela completa liberdade do sujeito com relação ao uso dos recursos da língua. O texto- discurso pertence ao gênero que lhe fornece a ossatura, mas sua construção exige que o sujeito, ao mesmo tempo, tenha o que dizer, tenha uma razão para dizer, tenha clareza do que quer dizer e, conseqüentemente, saiba quais recursos linguísticos e extralinguísticos utilizar.

Para auxiliar na compreensão da escrita, tomaremos também como base Geraldi (2010) com suas concepções de singularidade no ato de produção textual, e ainda as questões que envolvem o papel do sujeito dentro dessa construção de identidade. Geraldi (2010,p.108) afirma que “é na tensão do encontro/desencontro do eu e do tu que ambos se constituem. É nesta atividade que se constrói a linguagem enquanto mediação sógnica necessária”.

A partir dessa perspectiva, todo sujeito é baseado em outras linguagens que influem na constituição do nosso processo de construção dialógica, e a partir de então vamos reconstruindo nossas compreensões e somando nosso entendimento de mundo a esses constructos. Esse pensamento vai de encontro com os idéias propostos por Bakhtin, em que reforça a ideia de que “nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse.” (BAKHTIN,1992, p.55 *apud* GERALDI, 2010)

4. PESQUISA DE CAMPO E METODOLOGIA



O *corpus* desta pesquisa, conforme já dito, foi formado por discursos (coletados por meio de questionário semiestruturado) de professores e alunos de licenciaturas da UFTM durante o período de 2011 a 2013, para desenvolvimento do projeto de iniciação científica financiado pela FAPEMIG, cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número 2853.

Para a coleta de dados, as entrevistas com os docentes foram gravadas e transcritas sem nenhum tipo de alteração, enquanto os questionários dos alunos foram enviados por e-mail. Foram entrevistados 4 (quatro) professores e responderam ao questionário 5 (cinco) alunos. Analisamos também textos produzidos por alunos para a disciplina Leitura e Produção de Textos das seguintes licenciaturas: Ciências Biológicas, História e Química. Tivemos ainda produções textuais do curso de Letras da disciplina de Planejamento e orientação de práticas de ensino em língua portuguesa (POPE).

Para a realização da pesquisa, foram selecionadas 15 (quinze) produções, dentre as quais 7 (sete) foram mobilizadas nas análises feitas. O número escolhido para análise se justifica porque, para a realização deste trabalho, foi adotada metodologia de base indiciária e qualitativa, portanto voltada para descrição e interpretação de um fenômeno para construir sentidos e compreensões acerca de uma realidade complexa. Neste caso, a obrigação não é com comprovação por meio da quantidade, mas com a construção de um conjunto de informações que, relacionadas, permita alcançar o objetivo proposto.

A construção do *corpus* seguiu um modelo etnográfico (LÜDKE e ANDRÉ 1986) que tem como foco central a análise qualitativa do *corpus* aliada a uma análise da linguagem e dos processos que dão sustentação a produção dessa mesma linguagem. O tipo etnográfico de pesquisa qualitativa pressupõe o contato direto do pesquisador com o *objeto* de estudo, gerando assim, diversos dados descritivos baseados especialmente na observação de situações, pessoas ou grupos.

No caso desta pesquisa, o ambiente, o contexto que dá sustentação são as condições de produção dos textos dos alunos e dos discursos dos professores na universidade. Vale ressaltar que, pela perspectiva teórica adotada, o processo de produção dos textos e a de coleta dos dados assumem maior importância que o produto, já que este não será numericamente comprovado. Ou seja, nas análises levamos em consideração as formas de pensar dos participantes e os significados que atribuem à vida e as ações que praticam no contexto em que estão inseridos.



5. ESCRITA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE

5.1. A colagem na palavra do outro como um recurso de escrita

Na busca pelas marcas de análise de plágio e pelos indícios de autoria nos textos acadêmicos, é possível perceber que grande parte dos alunos alega que os trabalhos são exigidos em um curto espaço de tempo e, por isso, se apoderam de ideias já formadas para a construção do seu texto. Durante a correção das produções, foi impossível não notar a linguagem culta e refinada dos alunos, linguagem essa que foi atribuída por inúmeras frases retiradas do texto e apresentadas como próprias da criação dos alunos.

Em muitos casos, os alunos plagiaram também as considerações finais, em que tem por propósito apresentar suas opiniões acerca do assunto, discordando ou sendo a favor dos pensamentos propostos do autor; tal caso pode ser visto nos fragmento abaixo em que foi solicitado ao aluno que fizesse um resumo de um artigo de Maturana (2002).

Produção textual 01:

"Reconheço que a linguagem se constitui nas coordenações consensuais de conduta. Reconheço também que a linguagem não se dá no corpo como um conjunto de regras, mas sim no fluir em coordenações consensuais de condutas. *O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem. É com base nessa compreensão que devemos considerar a educação e o educar.*"(grifo nosso)

Texto de origem:

Mas reconheço que a linguagem se constitui nas coordenações consensuais de condutas de condutas. Reconheço também que a linguagem não se dá no corpo como um conjunto de regras, mas sim no fluir em coordenações consensuais de condutas. (...) *O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem. É com base nessa compreensão que devemos considerar a educação e o educar.* (MATURANA, 2002, p. 17[...].29, grifo nosso)

Neste caso, nos trechos em destaque, o aluno utilizou uma citação já mencionada pelo autor do texto para exprimir a conclusão e o entendimento final do seu resumo. A concepção de resumo, neste caso, é deixar o texto aparentemente menor, pois utiliza fragmentos esparsos do texto de apoio e, a partir disso, constitui o seu resumo, acreditando que assim está desenvolvendo sua habilidade de escrita. Num primeiro momento, o aluno não esconde do professor essa prática de cópia, pois realmente não soube transpor (talvez por ingenuidade) o que havia entendido em suas próprias palavras.



Nesse ponto, cabe ao professor orientar qual a maneira mais adequada de se posicionar diante de um texto e observar se a partir deste conhecimento adquirido o aluno passa a exercer e praticar a nova forma de escritura, ou se ainda assim se apropria de palavras alheias.

Portanto, este sujeito “re-produtor” se fixa em um determinado ponto do texto base e faz daquelas suas próprias palavras, sem tomar nenhum posicionamento ou expor seus supostos argumentos. Nos negritos, vemos que o aluno utiliza de fragmentos distantes visualmente do corpo do texto e vai tecendo o que denominou como resumo. O grifo em itálico, correspondente ao trecho “*O futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem. É com base nessa compreensão que devemos considerar a educação e o educar*” se encontra no texto original a doze páginas das outras informações, as quais destacamos em negrito e itálico respectivamente. Assim, percebemos que o aluno realmente faz essa seleção dos trechos que acredita ser de importância e compõe um texto a partir de então.

É válido ainda ressaltar que, embora esse aluno não tenha tido a oportunidade de aprender a ser construtor de suas próprias palavras, isso não lhe dá direito de simplesmente resgatar palavras de outros, e cabe ao professor ensinar como deve ser realizado o trabalho de produção de um texto. Como coloca Krokosczy (2010), essa individualização de escrita dependerá principalmente da decisão pessoal do aluno, pois somente assim poderá se apresentar com identidade própria.

Ainda no texto deste mesmo graduando, há inúmeras frases ditas por Maturana. No exemplo a seguir, tal como ocorre em todo o resumo, utiliza destes recortes do capítulo proposto.

Produção textual 02:

O que diz respeito a educação, se constitui no processo em que a criança ou adulto convive com o outro. O educar ocorre, portanto, todo o tempo de maneira recíproca. (grifo nosso)

Texto de origem:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. (MATURANA, 2002, p. 29, grifo nosso)

Como nestes casos, a colagem na palavra alheia ocorre em todos os textos



selecionados. Os exemplos acima demonstram como a falta de conhecimento do aluno nesse trabalho de apropriação e transformação da palavra de outrem. Demonstra também que esse mesmo aluno chega à universidade acreditando que agrupando frases aleatórias constituiria um texto. Um leitor atento percebe que a escrita se faz mais rebuscada e que podem ocorrer pequenas transformações, como acontece em mudar o verbo “educar” por uma sentença, digamos, mais completa: “O que diz respeito a educação (...)”. Essas pequenas modificações não garantem um total afastamento da palavra do outro.

5.2. A opção pelo plágio como recurso para enfrentar o desafio da escrita

Em diversos casos, alunos entregam trabalhos totalmente plagiados. Assim, o comprometimento com a produção acaba por ser abalada, porque o reprodutor deste conhecimento “partilhado” rompe com todos os escrúpulos e cuidados éticos com relação à escrita e apresenta um trabalho-cópia. A hipótese é a de que o aluno aposta que o docente não perceberá a mudança de escrita e as incoerências que texto que apresenta. Há, nesses casos, intencionalidade, uma vez que há todo um trabalho que visa esconder do professor o ato de cópia.

Os textos a seguir são totalmente plagiados, conforme pode ser observado pela comparação entre a produção do aluno e a produção de origem. Vejamos:

Produção textual 03:

Percorrer a trajetória dos educadores e da própria educação com olhar clínico capaz de detectar problemas já enraizados há tempos e discutir possíveis soluções a estes enigmas; que inquietam educadores, alunos, pais e a própria sociedade é a tarefa a que se propõe Geraldí, professor Doutor em Linguística pela Unicamp, em Portos de Passagem. [...]

Texto de origem:

Percorrer a trajetória dos educadores e da própria educação com olhar clínico capaz de detectar problemas já enraizados há tempos e discutir possíveis soluções a estes enigmas; que inquietam educadores, alunos, pais e a própria sociedade é a tarefa a que se propõe Geraldí, professor Doutor em Linguística pela Unicamp, em Portos de Passagem. [...]

Conteúdo disponível no site: <http://dj-vu.blogspot.com/2006/09/portos-de-passagem-um-breve-comentrio.html>

Ao longo de toda resenha, o aluno utilizou recursos já prontos deste mesmo site e, posteriormente, apresentou como produção própria. Este tipo de plágio é considerado gravíssimo, pois o acadêmico não se preocupa com as possíveis consequências, somente com a entrega e a suposta nota que este trabalho mereceria, acreditando que



apenas colocando o *link* do site retirado seria uma atitude responsável. Neste caso, o plágio é deliberado, uma vez que o aluno se permite tornar dono das palavras do Outro, copiando na íntegra um texto que não te pertence.

Outro caso grave aconteceu com alunos do curso de Letras, em uma disciplina que visa debater formas e questões voltadas para o ensino de língua materna. Para esta disciplina, a atividade avaliativa era a produção da análise da proposta de ensino voltada para ensino fundamental a partir de uma escola da cidade. O graduando buscou na internet uma análise já pronta de um colégio, realizando mudanças apenas no nome da instituição de ensino para outra local.

Produção textual 04:

O ensino deve estar comprometido com a democracia e a cidadania. Nesse sentido, baseados no texto da Constituição, os Parâmetros Curriculares Nacionais –PCN's orientam a escola quanto aos princípios gerais que visam à consecução das seguintes metas – respeito aos direitos humanos e exclusão de qualquer tipo de discriminação, nas relações interpessoais, públicas e privadas; igualdade de direitos, de forma a garantir a equidade em todos os níveis, participação como elemento fundamental à democracia (...) (grifo nosso)

Texto de origem:

O ensino fundamental deve estar comprometido com a democracia e a cidadania. Nesse sentido, baseados no texto da Constituição de 88, os Parâmetros Curriculares Nacionais –PCN's orientam a escola quanto aos princípios gerais que visam à consecução das seguintes metas:

- respeito aos direitos humanos e exclusão de qualquer tipo de discriminação, nas Relações inter-pessoais, públicas e privadas;
- Igualdade de direitos, de forma a garantir a equidade em todos os níveis;
- Participação como elemento fundamental à democracia (...)

Disponível em: <http://www.colegiodefinao.com.br/fundamental.html>

Por se tratar de uma atividade em que o principal objetivo era realizar uma avaliação de ensino, é impossível não observar que o aluno agiu de má fé, copiando a metodologia de ensino usada por um colégio de São Paulo e que essas informações constam no site educacional para conhecimento da abordagem que adotam. Esse tipo de prática Krokosz (2010) denomina como plágio direto ou *word for word*, o qual sem nenhuma preocupação, o aluno busca recursos e os copia integralmente.

5.3. O plágio das ideias pela construção de um mosaico de palavras

Não entendemos por plágio somente cópias integrais, mas também aquelas construções com fragmentos de outros textos para constituir um único. Neste, o aluno



utiliza também palavras de outrem, porém em todo o contexto infere algumas de suas próprias idéias. É um movimento intencional de colagem que visa, inclusive, despistar o professor. Deste modo, o texto acaba se tornando um verdadeiro mosaico, uma vez que utiliza “diversos cacos de fontes diferentes, organizando as ideias com o acréscimo de algumas palavras” (KROKOSCZ, 2010, p.45). Para exemplificar, trouxemos trechos deste tipo de plágio:

Produção textual 05:

O objetivo do autor consiste em fazer dois tipos de reflexão: um relativo a para que serve a educação, e outro sobre o humano, considerando a pergunta: o que é ser um ser humano? Além disso, ao fazer tais reflexões, diz algo sobre a biologia da educação e sobre a ética. Finaliza com alguma conclusão geral que, no seu entender decorre de tais reflexões. (grifo nosso)

Texto de origem:

Para responder essa pergunta e atender a esse convite, vou fazer dois tipos de reflexão. Um, relativo a para que serve a educação, e outro sobre o humano, considerando a pergunta: O que é ser um ser humano? Além disso, ao fazer tais reflexões, direi algo sobre a biologia da educação e sobre a ética, e finalizarei com alguma conclusão geral que, no meu entender, decorre de tais reflexões.(MATURANA, 2002, p.11,grifo nosso)

Neste caso, o aluno buscou realizar uma interpretação do texto, mas foge do seu objetivo porque faz uso de várias frases prontas do autor e, em certos momentos, utiliza das suas palavras para tentar mostrar algo que fosse original. Deste modo, retoma algumas ideias, entretanto muda algumas expressões e, posteriormente, parafraseia as ideias de Maturana. Essa junção de palavras dá origem a um texto, muitas vezes, sem sentido e sem coesão entre frases, tornando- se assim apenas num aglomerado sem nenhuma sistematização. Nesses casos, faz- se necessário o graduando entender que copiar algo que não é seu, não agrega conhecimentos, apenas facilita alguns caminhos, mas que tendem a ser mera reprodução de discurso/texto do outro.

6. INDÍCIOS DE AUTORIA?

Tornar-se autor das próprias palavras requer muito esforço e dedicação e, sobretudo, o conhecimento de regras de escrita. Produzir uma escrita com indício de autoria envolve um trabalho com e sobre a palavra do Outro, pois, segundo Possenti (2009,p.106), autoria pode ser vista como um “*tanto de singularidade quanto de tomada de posição*” no exercício de se apossar dos conhecimentos e torná-los meios, ferramentas de trabalho, de construção de uma escrita própria, resultante da um saber advindo do



trabalho de interpretação e construção de novos sentidos.

Um dos exemplos que trazemos da tomada de palavras do autor e sua tentativa de reconstrução é o fragmento abaixo:

Produção textual 06:

As emoções não são sentimentos. Biologicamente, são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos.(grifo nosso)

Texto de origem:

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. (MATURANA, 2002,p.15, grifo nosso)

O aluno primeiramente escreve um resumo do capítulo proposto em sala, porém, se apropriou de algumas palavras do autor e apresentou como suas. Em contrapartida, dividiu a atividade em resumo e crítica, tópicos que poderiam ser feitos concomitantemente. Na crítica, aparece uma voz distinta daquela que se apresenta no resumo, que partilhava de argumentos já existentes. A mudança no quesito crítica faz aparecer com mais clareza as suas idéias e se apresenta como detentor de sua identidade e como sujeito singular, sabendo relacionar texto e questionamentos que acreditavam ser relevantes para a discussão. Como é possível analisar no trecho:

Produção textual 06:

O autor também indagou sobre a fala na vida do ser humano. Dessa vez não podemos discordar que ele foi bastante objetivo falando que a fala é o que mais distingue o ser humano dos outros animais. Há quem diga que foi a evolução da mão, há quem diga que foi o cérebro, mas a fala que nos torna seres sociais, que faz com que tenhamos o poder de discutir assuntos e não brigar por eles, apesar de que muitos preferem esquecer tal fato e agir como verdadeiros animais selvagens. (grifo nosso)

É interessante notar que quando o aluno é chamado a expor suas opiniões, não há nenhuma interferência de outras vozes explicitamente, apenas elementos que o constituem como sujeito. Neste fragmento, especialmente o negrito, ocorre o que Geraldi (2010, p.76) chama de indícios que marcam a autoria, que constitui o modo próprio de escrita do aluno, em que não “representamos o mundo, mas construímos uma



realidade sobre o mundo” . Assim, deve saber expor suas idéias acerca de um determinado tema, relatando coerentemente e fixando suas ideologias, se estabelecendo, então, como autor do seu próprio texto.

Essa posição na graduação ainda é pouco comum, uma vez que muitos estudantes não tiveram a oportunidade de ser detentores de suas idéias, sendo expostos a métodos mais tradicionais e ineficazes de leitura e escrita. Geraldi (2010) aponta que:

Produzir um discurso (ou um texto) exige muito mais do que conhecer as formas relativamente estáveis dos gêneros discursivos: há que se constituir como locutor, assumir o papel de sujeito discursivo, o que impõe necessariamente uma relação com a alteridade, com o outro. E uma relação com o outro não se constrói sem sua participação, sem sua presença, sem que ambos saiam desta relação modificados. (p.81)

No caso em análise, o aluno, num primeiro momento, não teve o domínio de fazer um resumo com suas próprias palavras, indicando quais os pontos que o autor discute. Podemos encontrar uma resposta para esse ato voltando ao ensino que teve durante sua vida escolar, muitas vezes acreditando que o gênero resumo se constituía apenas por cópia das partes (aparentemente) mais importantes. Talvez nesse ponto, a lógica que ronda o tópico em análise é a de que este aluno aprendeu que quando se faz alguma observação positiva ou negativa de algo, deve fazê-la com seus ideias e suas próprias palavras. Assim, ao realizar a crítica referente ao texto de Maturana, trabalha ativamente com seu discurso na tentativa de persuadir o leitor. Neste outro fragmento, a persuasão e tomada de posição se tornam mais claras:

Produção textual 06:

Em seguida, ele fala sobre as Emoções. Expondo seu ponto de vista, ele diz uma coisa questionável: a emoção mover os passos do homem. Não discordo nem concordo. Você pode ser movido pela emoção caso você seja uma pessoa extremamente emotiva, mas você também pode ser movido pela razão e agir racionalmente ou irracionalmente, levando em conta que as atitudes do ser humano são bem irracionais às vezes.(grifo nosso)

Há no fragmento marcas de autoria e exposição de argumentos que fogem do senso comum, já que define sua opinião (*ainda que nem discorde nem concorde*), questionando a problemática que o autor do texto insere e não concorda totalmente com ele, refletindo outra maneira de se pensar, sem que ocorra uma generalização sobre a temática emoções. Este aluno soube expressar os conhecimentos adquiridos de outras vivências, dialogando sempre com o texto base e manifestando sua visão crítica,



trabalhando, deste modo, sua singularidade. Outro graduando expõe seus argumentos de forma simples e objetiva, ainda que também tenha utilizado passagens ditas pelo autor, mas ao concluir soube fechar seu raciocínio com suas próprias palavras, que aparecem negritadas:

Produção textual 07:

O artigo nos propõe a pensar numa educação para a vida, que saibamos raciocinar emocionalmente (inteligência emocional), utilizando a linguagem com coerência e sensibilidade, concordando com a ideia de educação baseada no amor, assim fazendo das nossas relações com os demais, uma convivência social, onde a aceitação, o respeito (e o auto-respeito) seja uma prática para a vida toda. Formando assim seres humanos (individualmente) responsáveis, e não somente profissionais para competir no mercado de trabalho. (grifo nosso)

A partir dessas análises foi possível compreender como o aluno se posicionou diante da leitura dos capítulos propostos, uma vez que, ao final do resumo, ainda que tenha muitas informações acumuladas por uso da vírgula soube se manifestar exprimindo a sua visão singular, e toma posição, ações essenciais para ser detentor de seus argumentos. Geraldi (2010, p.88) aponta que “os sujeitos comparecem carregados de interpretantes, carregados de palavras, carregados de contrapalavras, enfim, carregados de história.” e dessa forma, este exemplo espelha bem o trabalho com essas contrapalavras que são difíceis de distanciar, deixando suas verdadeiras marcas de autoria no discurso.

Os graduandos já possuem maneiras próprias de apresentar suas ideologias na escrita. Claro que isso não é o mesmo que ser autor no sentido de ser detentor de uma obra, mas, sim, produtor de argumentações que indicam uma melhora da posição de se fazer singular dentre outros pensamento. Há um trabalho mínimo com os recursos linguísticos. Assim, o aluno é capaz de interpretar e compreender sem necessariamente apropriar-se das palavras de outro indivíduo.

7. DISCURSOS DE ALUNOS SOBRE O PLÁGIO E AUTORIA

Nesta perspectiva, devemos pensar como graduandos de distintas etapas de formação refletem acerca deste ato de se apropriar das palavras de outros sujeitos. Para tanto, trazemos diferentes fragmentos das respostas que deram às perguntas feitas no questionário sobre a sua vida escolar ou acadêmica.

Entrevistador: Você já plagiou algum texto? Por quê?

Aluno 01: Sim, quando estava no ensino médio. Fiz isso porque não tinha



conhecimento de que essa atitude era plágio e o pior... que isso era crime.

Aluno 02: Não, pois abomino tal prática.

Aluno 03: Não digo plágio... mas sempre nós estudantes pegamos textos copiados da internet por ser uma forma mais fácil e rápida.

Aluno 04: Sim, porque a leitura do artigo ou texto estava muito complicada.

A concepção de plágio, como vemos, varia de acordo com cada sujeito e sua ideologia de certo e errado. Muitos ainda desconhecem que esta prática ultrapassa os limites da atitude de se apoderar de textos retirados da internet, sem saber ao certo se isso seja plágio. É possível notar que o aluno 03 não tem certeza se já cometeu a atitude ou não, mas que de qualquer forma pratica a dita “pesquisa” e engloba outros estudantes que tomam para si palavras alheias, demarcando que essa prática seja mais acessível atualmente. Outros, como o aluno 04, por não compreender totalmente o artigo proposto, acata outras formas para demonstrar que havia sim entendido, e se apropria de idéias para suprir a dificuldade da leitura.

Por outro lado, temos o caso que foi praticado ainda no ensino médio como o trecho do aluno 01, que não agia de má fé, apenas pelo desconhecimento sobre o assunto, que ainda hoje é presente em diversas etapas do ensino regular, em que muitas vezes o professor não ensina o aluno a pesquisar e a relatar o que compreendeu.

Já sobre a noção de alterar algumas palavras ou frases para construir seu próprio texto, vemos que alguns alunos acreditam que não é uma prática errônea:

Entrevistador :Copiar um parágrafo e fazer pequenas alterações (por exemplo, substituir alguns verbos, adjetivos por outros sinônimos), citando as fontes, é plágio? Por quê?

Aluno 03: Acredito que não, porque além de você mudar o texto você ainda está citando a fonte de onde está tirando a informação.

Aluno 04: Sim, pois para não apresentar um plágio, devemos sintetizar com nossas palavras parágrafos, textos e outros meios.

Aluno 05: Não. Porém, você está alterando a obra do autor e mesmo assim citando sua fonte, o que não deve ser legal

Pensar no plágio vai muito além de refletir sobre a questão de cópia na íntegra, uma vez que pequenas alterações são consideradas um ato de mudança daquela voz que não pertence ao sujeito. Da parte dos alunos, houve respostas contraditórias, ocorrendo divergências sobre se seria ou não plágio alterar citações já prontas. O que



confunde, neste caso, é o papel da menção do nome do autor da citação. Ou seja, o aluno acha que resolve o problema do plágio somente citando o nome do autor. Krokosczyk (2012) fala sobre este item: “A mudança na forma de apresentação de um conteúdo é insuficiente para caracterizar originalidade, pois na essência, a idéia que é explicitada com outras palavras apenas transmite a mensagem de um jeito diferente, mas o conteúdo é o mesmo” (p.43)

O aluno 04 reconhece que, para não cometer a prática de copiar e colar devemos “sintetizar com nossas palavras” o que foi lido, ou seja, acredita que deve haver uma interpretação para que se possa afastar da voz do Outro. Já os alunos 03 e 05 pensam que não seria plágio, uma vez que o primeiro acredita que havendo o reconhecimento da fonte amenizaria as pequenas alterações feitas, o que, na verdade, é também uma prática inadequada, já que acontecem mudanças de sentidos e isso não acarretaria a não apropriação das palavras. Quando questionado, percebe-se que 05 já possui mais consciência dessas modificações, mas ainda assim fica com dúvida se isso realmente é correto perante as normas de citação ou não. Muitos desses casos provêm de desconhecimento das regras de citação ou até mesmo da facilidade de copiar algo da internet para não ter trabalho de refletir frente ao desespero de uma página em branco.

8. DISCURSOS DE PROFESSORES SOBRE O PLÁGIO E AUTORIA

Quanto à visão dos professores em relação ao plágio presentes nos trabalhos dos seus alunos, todos relatam que o mais comum é receber trabalhos plagiados em trechos ou frases, e que a ocorrência do plágio na íntegra ocorre com pouca frequência. Apenas um docente destacou ter recebido um trabalho copiado na sua totalidade. Diante disso, foi perguntado como é a postura que os professores assumem diante desse aluno que cometeu o plágio. Um dos docentes afirmou que adota uma postura ética, não expondo o aluno a todos os demais da sala de aula, apenas chamando-o e lhe apresentando a fonte e uma nova chance de reescrita, já o outro entrevistado, assume uma posição crítica e direta ao aluno que comete as cópias. Como podemos ver abaixo:

Professor 01: Eu? Claramente! Eu sou bem direta.

Professor 03: Primeiro:: eu uso uma postura ética.. não chamo a atenção do aluno na frente dos demais... eu chamo num canto.. mas em particular:: e aí mostro pra ele o texto e mostro o plágio que ele cometeu [...] Já aconteceu de relatórios:: é:: entregarem.. e constatei que os relatórios estavam iguais:: e eu



peço pra refazer.. agora:: trabalhos.. é:: mais pontuais como... fichamento:: eu dou nota zero. (grifo nosso)

Este último professor solicita reescrita quando acredita que o aluno pode se esforçar mais e realmente ter suas tomadas de posições, pede a reescrita dando uma nova chance para repensar nas suas atitudes. Diferentemente do 01, que se mostra “bem direta” frente a uma cópia. Segundo os docentes consultados, o plágio vem se tornando cada vez mais forte no ambiente da universidade, pois com a facilidade da internet, a pesquisa e a busca por diversos assuntos se tornou bem mais ampla e simples. Como podemos analisar no excerto abaixo:

Professor 01: Hoje em termos de educação:: os ::alunos não são obrigados a pensar muito, e a internet se tornou essa muleta , é muito interessante... ajuda inclusive... Mas como toda muleta pode deixar o aluno ou o indivíduo com preguiça de pesquisar. (grifo nosso)

Tendo vista o discurso do professor 01, percebe-se que esse recurso (a internet), muitos dos alunos não buscam ser o autor do próprio texto, uma vez que toda essa facilidade faz com que se aproprie facilmente do texto de Outro e não busque mostrar suas próprias idéias e opiniões. Durante as entrevistas, houve apenas um caso em que o aluno admite ter plagiado em algumas disciplinas do seu curso, alegando falta de tempo ou até mesmo que o professor não corrige os trabalhos como deveria; com isso, a prática de buscar na internet algo pronto se tornou uma solução mais rápida e que julgou ser eficaz naquele instante. Esse questionamento do discente também nos faz pensar no papel do professor, se este realmente se atenta em todas (ou grande parte) para as escritas dos seus alunos ou se em algum momento esses indícios de plágio não são percebidos.

Em contraponto a esse aluno, professores alegam que reconhecer o plágio nas atividades é um trabalho simples. Muitos deles afirmam que notam quando a escrita do aluno está mais refinada e que há uma maior coerência entre as idéias, como também observamos nas análises anteriores. Vejamos os trechos abaixo:

Professor 01: Ah, é muito fácil:: o professor tem noção do tipo de linguagem e da forma... O professor percebe que aquela forma que não é dele.

Professor 02: Eu faço pesquisas.. é:: na internet, normalmente a gente conhece o tipo de escrita que o aluno tem, e quando eu desconfio que tá diferente do que é natural daquele aluno eu pego trechos, coloco na internet e pesquiso.

Professor 04 Pela escrita dá pra perceber, porque assim:: além da parte escrita,



a gente tem os momentos de conversa com eles:: deles produzirem de uma outra forma que não seja a escrita, a gente consegue perceber o que ele fala e o que ele escreve se estão equivalentes. (grifos nossos)

Hoje, com as diversas tecnologias, saber se o aluno utilizou de outras vozes para construir o seu texto não é uma tarefa difícil, já que temos o recurso de ferramentas como o “Google” que possibilita encontrar a verdadeira fonte da pesquisa, embora não tenha essa destinação. A maioria dos docentes acabam por conhecer o tipo de escrita, posicionamento e as dificuldades do seu aluno, como as falas negritadas acima apontam, isso faz com que saibam quando a escrita foge dos padrões e busquem as verdadeiras fontes.

O professor 03 quando questionado se a desculpa por cometer plágio por falta de conhecimento ou intenção são justificativas aceitáveis, o seu posicionamento é claro:

Professor 03: Olha:: não! Explica, mas não justifica. Pra aluno de primeiro período, ingressante na faculdade é até meio compreensível os alunos cometerem certos plágios, mesmo porque a formação que os alunos tem na educação básica não é uma educação formada para o aluno pesquisador, né? O aluno somente aprende que:: pesquisar é copiar e resumir é tornar pequeno, então:: já chegam esses vícios na universidade, na academia. Agora:: já um aluno prestes a se formar, prestes a colar grau, não tem desculpa em cometer plágio. (grifo nosso)

A ideia do “resumir é tornar pequeno” ainda está muito presente na carga de experiências que os graduandos possuem ao ingressar na graduação, e é necessário que ele se desfaça dessas concepções de pesquisa e comece a se arriscar na busca de ser detentor dos seus argumentos. Dessa maneira, a prática do plágio com “aluno prestes a se formar, prestes a colar grau, não tem desculpa”, entendendo que este aluno já é capaz de articular suas próprias ideias e teve oportunidades para compreender que o plágio não agrega nenhum conhecimento.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas buscamos, num primeiro momento, realizar um mapeamento dos principais motivos que levam o aluno a praticar o plágio em produções textuais acadêmicas. E ainda, como se enquadra a visão deste fenômeno na concepção dos professores universitários entrevistados, uma vez que identificar marcas de outra voz



em textos de graduandos é hoje uma tarefa um pouco mais simples de ser cumprida do que há algum tempo atrás. Isso se o recorte e cola for feito a partir da internet, quando o aluno faz isso usando obras impressas, o trabalho de identificação fica mais difícil. É importante saber quais são as estratégias didáticas utilizadas quando estamos diante de um texto tipicamente plagiado e, assim, escolher uma prática eficaz para que esta atividade não volte a se desenvolver.

Já no discurso de discentes, tendo como base os conhecimentos que estes possuem acerca do assunto, analisamos se realmente cometem plágio por inexperiência ou se realmente sabem realizar as devidas referências. Chega-se a conclusão que há sim praticantes que atuam com má fé e acreditam que poderão desviar a atenção do professor ao ler o seu trabalho, mas o desconhecimento de regras de citação ainda é muito presente, o que leva a cometer essa prática pela simples facilidade da pesquisa, acreditando que poderá utilizar das palavras de Outros sem maiores danos.

Quanto à autoria e seus indícios, foi possível notar que o aluno é capaz de ser autor do próprio texto, mas imerso nestas inúmeras informações a todo momento e a facilidade com que vê a ferramenta da internet, esse percurso acaba se tornando conflituoso. A solução mais evidente e que vêm ganhando espaço nas salas de aula das universidades é a orientação para que os professores realizem discussões com seus alunos acerca do plágio e suas conseqüências. Com esses esclarecimentos, os alunos podem saber que se trata de uma prática inaceitável em qualquer meio, e partir disso, podem aplicar as regras de citação que são essenciais para mencionar uma obra em qualquer trabalho. Dessa maneira, tendo consciência e aprendizado, podem ter mais cuidado ao mencionar ideias para assim expor idéias e argumentos diante de algo lido.

10. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

BERNHEIM, C.T.; CHAUI, M.S. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior / Carlos Tünnermann Bernheim e Marilena de Souza Chauí*. – Brasília : UNESCO, 2008. 44 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>. Acesso: 20 nov de 2014.



FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens – Estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e João editores, 2010, 176p.

GOMES, J. C. T. *Gregório de matos, o boca de brasa: um estudo de plágio e criação intertextual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KROKOSCZ, M. *Autoria e plágio: um guia para estudantes, professores, pesquisadores e editores*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Lingua[gem],32)

SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.